

# Análise Financeira Dos Negócios

## Ferramenta Para Tomada De Decisões

Airton Carlos Patzlaff  
Priscila Maria Gregolin

**Resumo:** O presente trabalho visa trazer uma reflexão acerca de relevantes elementos inerentes à Administração Financeira e Orçamentária, capazes de auxiliar os gestores na análise econômico-financeira de seus empreendimentos. Os aspectos conceituais do presente estudo são resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada com o intuito de oferecer uma compreensão básica no que tange a determinados instrumentos contábeis utilizados na gestão e apreciação dos recursos monetários empregados em um negócio. Sendo assim, os temas abordados no artigo não se acham esgotados em suas reflexões, ao revés, almejam demonstrar a importância prática de suas aplicações por meio de uma compreensão generalista, mas suficientemente clara para despertar o interesse dos gestores em se aprofundar nos assuntos explanados.

**Palavras-chave:** Orçamento; Gestão; Análise Financeira.

### 1. INTRODUÇÃO

Em primeira instância, convém enfatizar a crescente importância atribuída à gestão contábil e financeira na consecução do sucesso por parte dos dirigentes organizacionais.

Independentemente do caráter empresarial do negócio, seja um empreendimento que vise fins lucrativos ou não, desvinculado do porte da instituição, em qualquer circunstância será necessário que haja condições mínimas de gestão capazes de afastar possíveis prejuízos.

Nesse sentido, os termos que se sucedem procuram auxiliar no entendimento quanto a determinados aspectos financeiros existentes em uma organização empresarial, mormente no que tange ao capital de giro e ao fluxo de caixa, haja vista que tal compreensão holística poderá representar um caminho para o sucesso dos negócios.

O presente estudo parte da premissa de que, a priori, caberia ao gestor financeiro a busca por analisar os aspectos econômico-financeiros da empresa. Outrossim, enfatiza-se a atribuição do mesmo em mensurar quais os recursos financeiros aplicados no negócio, bem como determinar os fluxos financeiros produzidos ao longo do tempo.

Em face do caráter científico do presente estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a qual vislumbrou trazer idéias e conceitos defendidos por diversos autores do ramo investigado.

Ademais, ressalta-se que o aspecto qualitativo da reflexão ulterior se torna evidente a partir das considerações de cunho dialético explanadas, as quais trazem diferentes pontos de vista, defendidos por distintos intelectuais da área de gestão e finanças.



Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou evidenciar com objetividade os elementos de convergência no ideário apreciado, de modo a clarificar as eminentes contribuições trazidas pelo arcabouço da análise financeira na gestão empresarial.

### 2. A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO FINANCEIRA NAS EMPRESAS

Primeiramente, é importante salientar que toda e qualquer organização que visa o progresso econômico e a sustentabilidade de seu empreendimento deverá gerir adequadamente seus recursos financeiros, uma vez que o gestor necessita zelar pela prosperidade azidental.

Segundo Silva (2005, p. 32), "em uma empresa pequena, muitas vezes não há um órgão específico responsável pelo gerenciamento das operações financeiras, ficando essas atribuições distribuídas entre a contabilidade e o proprietário".

Porém, seguindo o raciocínio explanado, evidencia-se que à medida que a empresa se desenvolve, a necessidade de adotar um gerenciamento financeiro profissionalizado se torna cada vez mais urgente.

Por este modo, vê-se que o registro, controle e interpretação dos fenômenos que afetam as circunstâncias patrimoniais, financeiras e econômicas de uma entidade devem ser desempenhados por um profissional qualificado.

O gerenciamento financeiro é a área da empresa que cuida dos recursos financeiros. (...) preocupa-se com dois aspectos importantes: a rentabilidade e a liquidez. Isso significa que gerenciar as finanças é tentar fazer com que os recursos financeiros sejam lucrativos e

líquidos ao mesmo tempo. Na realidade, esses são os dois objetivos principais das finanças: o melhor retorno possível do investimento (rentabilidade ou lucratividade) e a sua rápida conversão em dinheiro (liquidez). Tendo esses dois objetivos em mente, o empreendedor pode tocar tranquilamente suas finanças. (CHIAVENATO, 2007, p. 225).

Levando-se em conta esse entendimento, infere-se que a gestão financeira visa maximizar a lucratividade empresarial ao passo em que trabalha em prol da maior liquidez dos recursos aplicados na implementação de um negócio.

Como já foi dito nas linhas anteriores, a gestão financeira surge como resposta às limitações de uma gestão de custos e finanças guiada unicamente por princípios intuitivos, ou seja, não científicos. Portanto, onde houver um conjunto de bens, direitos e obrigações a serem administrados, far-se-á relevante a atuação do gestor financeiro.

Nesse sentido, entende-se o gerenciamento financeiro como a atividade que visa manter a rentabilidade e a liquidez da empresa em nível satisfatório. De modo que para alcançar rentabilidade e liquidez satisfatórias, o empreendedor deve procurar obter recursos financeiros e aplicá-los em suas empresas. (PORTER, 2005).

Sendo assim, a maioria das empresas passa a adotar a gerência financeira diante das necessidades, sobretudo na ocasião em que seu empreendimento adquire maiores proporções; porém, percebe-se que a atitude mais prudente por parte dos administradores seria a de buscar o aprimoramento dos conhecimentos financeiros mesmo antes da implementação dos negócios.

### 3. ANÁLISE FINANCEIRA PARA TOMADA DE DECISÕES

Tendo sido apresentado alguns conceitos introdutórios concernentes à gestão financeira, convém discorrer acerca de sua utilidade, explicitando para que serve, e quais os benefícios resultantes de sua aplicação nas organizações.

Para tanto, revela-se que a gestão financeira permite não apenas avaliar a performance da empresa, mas também conduzir o administrador à tomada das decisões mais acuradas do ponto de vista contábil e financeiro.

Conforme discorre Silva (2005, p. 33), “a análise financeira serve para avaliar decisões que foram tomadas pela empresa em épocas passadas, bem como fornecer subsídio para o planejamento financeiro, visando ao futuro”.

Nessa perspectiva, infere-se que as três principais atribuições do gerenciamento financeiro são a de obter recursos financeiros para que a empresa possa funcionar ou expandir suas atividades; a de utilizar recursos monetários para suprir as operações comuns da empresa; e a de utilizar elementos orçamentários excedentes, como aplicações no mercado de capitais. (CHIAVENATO, 2007)

Além disso, acrescenta-se que para iniciar a implementação de um negócio, faz-se conveniente esquematizar quais os recursos financeiros necessários, prevendo certos elementos, tais como o valor do aluguel

onde estará instalada a empresa, as máquinas, as matérias-primas, entre outras variáveis; de modo que a empresa possa dispor de capital suficiente para iniciar efetivamente suas atividades, adotando um gerenciamento financeiro adequado.

Para Porter (2005), a ausência de uma metodologia sistemática para a análise econômico-financeira de um negócio mostra-se como a base da maioria dos problemas de ordem patrimonial em empreendimentos, haja vista que alguns estudos se restringem à análise de curto prazo das atividades principais, e muitas vezes negligenciam estratégias de longo prazo que consideram o impacto de outras atividades como o marketing, serviços e infra-estrutura sobre a posição de custos relativos no negócio.

Destarte, a fim de que o gestor possa efetuar uma correta análise financeira, vislumbra-se como essencial afastar visões restritas, as quais não contemplem pontos de vista estratégicos capazes de inter-relacionar questões conjunturais de ordem subjacente às atividades principais executadas por uma empresa, sendo essa uma condição *sine qua non* para a eficiência na tomada de decisões.

### 4. O CAPITAL DE GIRO E A PRESERVAÇÃO DA LIQUIDEZ

Neste momento do estudo, convém asseverar que para garantir o êxito de qualquer empreendimento e assegurar a integridade patrimonial contra eventualidades, faz-se imprescindível considerar a atividade econômica da administração sobre bases planejadas, formulando-se previsões de ordem econômica através de técnicas de análise econômico-financeira.

Desta forma intervêm no campo da contabilidade, em particular, e no da economia aziendale, em geral, os processos de semiótica econômica e financeira, que permitem prevenir, pelo estudo dos sintomas, os elementos patogênicos que, sorrateiramente, invadem o organismo aziendale e lhe determinam situações de desequilíbrio. (...) O conceito de capital, do ponto de vista econômico-aziendal, emerge diretamente do exame qualitativo e quantitativo que se faz das riquezas condensadas no patrimônio, como efeito do processo econômico da produção e do consumo. (HERRMANN, 1980, p. 37)

Dentro deste raciocínio, o capital de giro pode ser visto como o valor de recursos necessários para que uma empresa cumpra suas obrigações dentro dos prazos acordados.

Para Braga (1995, p. 81), “em sentido restrito, o capital de giro corresponde aos recursos aplicados no ativo circulante, formado basicamente pelos estoques, contas a receber e disponibilidades”.

Analisando o capital de giro a partir de uma perspectiva administrativa, verifica-se um envolvimento contínuo entre o capital de giro e as tomadas de decisão de ordem financeira, sobretudo aquelas relacionadas à preservação da liquidez da empresa.

Quando a empresa entra em operação, o gestor financeiro transfere sua prioridade para o capital de giro, entidade representada pelos ativos circulantes.

Essa alteração de foco acontece porque o capital de giro é bastante suscetível às mudanças que acontecem continuamente no ambiente econômico em que a empresa atua. Assim, grande parte do tempo do gestor financeiro é destinada à solução de problemas de capital de giro, como financiamento de estoques, gerenciamento da inadimplência de clientes e administração das insuficiências de caixa. (SANTOS, 2001, p. 15)

Nesse sentido, a necessidade de capital de giro será sempre variável, dependendo de certas características do processo produtivo ou de operações; de modo que em empresas com certa regularidade nos pagamentos, torna-se possível um acompanhamento das referidas necessidades a partir do fluxo de caixa.

Ademais, deve-se considerar que o capital de uma empresa pode ser classificado em dois diferentes tipos quanto à sua utilização: capital fixo ou capital de giro (capital circulante), de sorte que ambos os tipos de capital se complementam.

Segundo Chiavenato (2007), o capital de giro é constituído de ativos circulantes, também chamados ativos correntes. Os investimentos em ativos circulantes sofrem constantes alterações, quase cotidianas, pois o capital de giro está relacionado principalmente às vendas, que são realizadas diariamente e sofrem oscilações freqüentes, tendo em vista que esses investimentos são efetuados no curto prazo, devido ao ciclo de operações da empresa.

Sendo assim, no que tange ao gerenciamento financeiro, a administração do capital de giro constitui uma das atividades mais importantes a serem desempenhadas por uma empresa, uma vez que os ativos circulantes representam quase a metade dos seus ativos totais.

## 5. ASPECTOS GERENCIAIS E ESTRUTURAIS DO CAPITAL DE GIRO

Pode-se dizer que, dentro de uma perspectiva holística, um acompanhamento constante das contas empresariais pode trazer efeitos positivos não apenas no curto prazo, mas sobretudo no longo prazo, uma vez que permite um planejamento estratégico e acaba por agir psicologicamente sobre os funcionários que ao se sentirem auditados afastam ações de erros e fraudes, conforme discorrem os autores Franco e Marra (2000).

Ainda de acordo com Franco e Marra (2000), o trabalho de análise contábil e financeira envolve grandes responsabilidades, uma vez que não se limita à mera conferência e confirmação de valores evidenciados em balanços e registros contábeis, de modo que cabe a um gestor qualificado a avaliação atualizada dos bens tangíveis e intangíveis constantes do patrimônio de uma empresa, atribuindo-se ao capital de giro e ao fluxo de caixa uma insigne importância.

Neste prisma, pode-se dizer que a administração do capital de giro visa gerenciar os ativos e passivos circulantes da empresa, com a intenção de garantir um nível aceitável de capital circulante líquido.

Na visão de Sousa (2007, p. 97) “o capital de giro também varia com o volume das vendas, considerando-se que a função do capital é financiar a produção e as vendas a prazo”.

Em face disso, a análise do capital de giro está relacionada diretamente com o setor de atuação da empresa, com seu ciclo financeiro e operacional, entre outros fatores de caráter econômico-aziendal.

De acordo com o entendimento desenvolvido por Neto e Silva (2002, p. 13) “uma administração inadequada do capital de giro resulta normalmente em sérios problemas financeiros, contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência”.

Segundo esse raciocínio, uma das funções precípua do gerenciamento do capital de giro reside na adequada aplicação dos recursos disponíveis, a fim de afastar circunstâncias de insolvência como a exposta nas linhas acima.

Com relação à estrutura do Capital de Giro, subdivide-se o mesmo em capital de giro bruto e capital de giro líquido, de modo que o capital de giro bruto (CGB) é constituído dos seguintes itens: disponibilidades (disponível em caixas e bancos); investimentos temporários (títulos e valores mobiliários); contas a receber; estoque (matérias-primas, materiais em vias e produtos acabados); ao passo que o capital de giro líquido (CGL) é o capital de giro bruto sem os compromissos a curto prazo com fornecedores e funcionários. (CHIAVENATO, 2007)

Além da divisão do Capital de Giro em “Bruto e Líquido”, ainda é possível dividir o Capital de Giro de acordo com os elementos que o compõe, sendo discriminados em ativos circulantes e passivos circulantes. Revelando-se como ativos circulantes de eminente destaque os títulos negociáveis, duplicatas a receber, o caixa e o estoque; enquanto salários a pagar, juros a pagar e demais despesas já incorridas no regime de competência, mas que ainda não foram pagas, podem ser consideradas como passivos circulantes de real evidência.

Portanto, assevera-se que cada um dos elementos acima destacados deve ser bem administrado, a fim de proporcionar índices satisfatórios de liquidez e resultados otimizados do ponto de vista econômico-financeiro, uma vez que através de uma gestão financeira adequada será possí-



vel alocar eficazmente os recursos, de modo a promover o sustentável desenvolvimento organizacional.

## 6. O GESTOR FINANCEIRO E A APRECIÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

Diante dos termos discorridos, observa-se que diversas variáveis são capazes de auxiliar o gestor na investigação financeira, de modo que os elementos de ordem contábil trazem a qualidade de fornecer aspectos repletos de objetividade, fator este que permite inferir seu singular potencial informativo.

Segundo as quais, cita-se Horngren, Sundem e Stratton (2004, p. 4) "independentemente de quem está tomando a decisão, o entendimento da informação contábil propicia a tomada de uma decisão melhor e mais bem fundamentada".

Contemplando-se uma sinergia contábil-administrativa, identifica-se como relevante a interpretação do fluxo de caixa, destacando-se que a denominação "fluxo de caixa" tem sido, freqüentemente, adotada pelas empresas com o intuito de designar toda e qualquer movimentação de recursos que se relacionem ao caixa de uma organização; de modo que a entrada e saída de valores contemplem quantias de dinheiro em espécie ou afins.

Não obstante, há autores que ampliam o conceito supracitado, de acordo com Silva (2005, p. 475) "a expressão fluxo de caixa, portanto, deve ter uma amplitude maior, envolvendo os pagamentos e os recebimentos em geral. A análise do fluxo de caixa examina a origem e aplicação do dinheiro que transitou pela empresa".

Nesse sentido, a apreciação do fluxo de caixa contempla aspectos de ordem temporal pretérita, presente e futura; de sorte que traz como um de seus objetivos proporcionar uma previsão de caixa para atender necessidades pré-determinadas.

Segundo Santos (2001, p. 77), "o fluxo de caixa é um instrumento de planejamento financeiro que tem por objetivo fornecer estimativas da situação de caixa da empresa em determinado período de tempo à frente".

Sendo assim, é possível extrair da assertiva o entendimento de que o fluxo de caixa é capaz de atender a diversas finalidades; entre as quais a de manter o empresário informado acerca da capacidade de sua empresa liquidar seus compromissos financeiros.

Ainda na visão de Santos (2001, p. 145), "para efetuar a análise econômica de um projeto de investimento, seus dados de entradas e saídas de dinheiro são dispostos na forma de um quadro denominado fluxo de caixa".

Vale ressaltar que o fluxo de caixa dispõe seqüencialmente os dados financeiros de uma empresa em um determinado período de tempo, registrando em um primeiro momento o investimento inicial e seu respectivo progresso no lapso temporal.

O fluxo de caixa é importantíssimo em qualquer empresa, seja qual for o seu tamanho, digamos mesmo que é imprescindível. Por essa planilha poderemos prever, a distância no tempo, se vamos necessitar de recursos

extras para solver nossos compromissos, dentre outras informações importantes. (SOUSA, 2007, p. 39)

Em termos sucintos, vê-se que a partir do fluxo de caixa se pode obter informações de suma importância para o alcance do equilíbrio financeiro entre as entradas e saídas dos recursos empresariais, ao mesmo tempo em que proporciona respaldo para a tomada de decisões.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos termos ora explanados, fez-se possível identificar a relevância de uma gestão eficiente dos recursos orçamentários empresariais, de modo que as organizações bem geridas nesse aspecto terão melhores condições de permanecerem estáveis no mercado.

Por esse modo, mostra-se essencial o domínio dos conceitos básicos que norteiam a gestão contábil e financeira, destacando-se o capital de giro e o fluxo de caixa, uma vez que a partir de sua compreensão teórica serão otimizadas as condições para uma aplicação efetiva dos princípios econômico-financeiros na apreciação da conjuntura empresarial.

Vale destacar que o propósito de manter a lucratividade e a liquidez dos recursos financeiros se torna uma realidade exequível, sobretudo diante do cultivo de uma mentalidade sistêmica, onde se busca a convergência de conceitos e aplicações. A exemplo disso, tem-se a inter-relação entre o capital de giro e o fluxo de caixa, cuja mensuração dos fluxos financeiros operacionais está integrada à mensuração do capital de giro, haja vista que o montante das necessidades de capital afeta diretamente os fluxos financeiros da empresa.

Por conseguinte, percebe-se que a informação para a solução de problemas pode ser concebida como crucial tanto no planejamento a longo prazo quanto na tomada de decisões a curto prazo, de modo que as decisões tomadas a partir de uma gestão contábil integrada, as quais contemplem análises de diferentes informações financeiras, terão maiores chances de sucesso em um contexto holístico.

Destarte, uma vez contemplada a abordagem teórica do assunto proposto, infere-se a importância em se aprofundar nos aspectos pragmáticos aziendali inerentes aos temas de maior relevância no âmbito empresarial de cada gestor, a fim de se obter o suporte necessário ao inequívoco processo decisório.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, R. **Fundamentos e técnicas de administração financeira**. São Paulo: Atlas, 1995.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
- FRANCO, H.; MARRA, E. **Auditoria contábil**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- HERRMANN, F. J. **Análise de balanços para administração financeira**. 11 ed. São Paulo: Atlas, 1980.

HORNGREN, C. T.; SUNDEM, G. L.; STRATTON, W. O. **Contabilidade gerencial**. 12 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

NETO, A. A.; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PORTER, M. E. **Vantagem Competitiva**: criando e sustentando um desempenho superior. 29 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SANTOS, E. S. **Administração financeira da pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2001.

SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUSA, A. **Gerência financeira para micro e pequenas empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

---

*Sobre os autores*

**Airton Carlos Patzlaff**

Pós-graduando (lato sensu) em Gestão de Recursos Humanos e bacharel em Administração pela UTFPR, Campus Pato Branco  
airtonpatz@hotmail.com

**Priscila Maria Gregolin**

Pós-graduanda (lato sensu) em Gestão de Recursos Humanos e bacharel em Administração pela UTFPR, Campus Pato Branco  
prikagregolin@hotmail.com